

JOSE REDINHA
Conservador do Museu do Dundo

C/10.02

As Máscaras Africanas

(ESBOÇO)

ARQUIVO L. LARA



LISBOA
1 9 5 2

580

JOSÉ REDINHA

As Máscaras Africanas

(ESBOÇO)

Separata do n.º 7-8
da
Revista do Gabinete de Estudos Ultramarinos

Sanitofan



LISBOA
1 9 5 2



DO AUTOR:

- *As Gravuras Rupestres do Alto-Zambeze e Primeira Tentativa da sua Interpretação*. (Subsídios para a História Arqueológica e Etnográfica dos Povos da Lunda). Publicação cultural n.º 2 do Museu do Dundo, Lisboa, 1948.
- *Costumes Religiosos e Feiticistas dos Kiokos de Angola*. Lisboa, 1949.
- *Campanha Etnográfica ao Tchiboco (Alto Tchicapo)*. (Subsídios para a História Arqueológica e Etnográfica dos Povos da Lunda). Publicação cultural do Museu do Dundo, n.º 19 — 1953.
- X — *Paredes Pintadas da Lunda*. (Subsídios para a História Arqueológica e Etnográfica dos Povos da Lunda). Publicação cultural do Museu do Dundo, n.º 20 — 1953.

AS MÁSCARAS AFRICANAS

(ESBOÇO)

Por José Redinha

1

GENERALIDADES ACERCA DO USO DAS MÁSCARAS

As Máscaras na Antiguidade
As Máscaras no Oriente, América
e Pacífico
África, Continente das Máscaras
Máscaras Dogons

África é, por excelência, o Continente das máscaras e foi no Oeste Africano que a cultura da máscara encontrou o seu verdadeiro clima. Aí, atingiu, também, a expressão artística mais elevada.

O segundo grande centro situa-se no âmbito das escolas de arte equatoriais.

Como seria lógico esperar, as mais importantes regiões de máscaras coincidem com as melhores escolas de arte da escultura africana.

O domínio das máscaras condiz, também, com as zonas de mais intensos ritos. Daqui, verificar-se e ser exacto a cultura da máscara nutrir-se de duas fontes primordiais: o rito e a arte.

Também é verdade que o culto da máscara teve sempre lugar importante na maior parte das regiões primitivas.

Nos aspectos primordiais que caracterizam a existência da máscara, assumem vulto os seguintes: a sua universalidade, antiguidade e perseverança no

tempo. Notável, a diversidade de significações de que a máscara é susceptível nas diversas modalidades e ainda a sua influência psicológica sobre o homem.

Mercê desta multiplicidade de aspectos, a máscara tem interessado sociólogos, artistas, historiadores e etnólogos.

O valor da máscara, como elemento de símbolo e ritual, excede a sua função intrínseca de peça para acobertar o rosto. Realmente, há máscaras amuleto, minúsculas, e há-as também agigantadas, inaplicáveis — como as grandes máscaras *dogons*, que dormem na sombra de cavernas sagradas, simbolizando heróis e génios.

Existe, sem dúvida, um culto da cabeça, e, daí, talvez, a máscara assumir um valor *capital*, preponderante.

É notória a importância que a cabeça toma nas esculturas dos negros, tanto que, em alguns casos, tronco e membros têm apenas uma função complementar.

As cabeças trofeu ou cabeças dissecadas de que nos dão bons exemplares alguns índios do Brasil, povos americanos, zelandeses e outros do Pacífico, devem enquadrar-se dentro desta tendência.

E a ela não foge, decerto, a pintura e adorno de caveiras de culto da Nova Bretanha. Certos modelos de olhos embutidos, grandes e esféricos, arrazados de espanto, parecem ter influído nas máscaras da vizinha Nova Irlanda. Daí poder dizer-se que a caveira adornada é ainda a projecção da máscara na morte. O seu último passo a caminho da eternidade.

A cabeça, centro e motor do saber humano, e a fisionomia, fulcro da expressão do homem, ter-se-ão imposto a um culto que a máscara traduziu por expressões rebuscadas.

O rosto pintado seria o seu antecessor.

Fosse, porém, como fosse, a observação dos primitivos actuais afirma-nos que as religiões primevas encontraram na máscara um poderoso aliado. Com o rosto coberto, um maior mistério se alcançava e certa dualidade humano-divina mais propícia à suscitação do sobrenatural.

África é, por excelência, o Continente da máscara, mas o domínio da máscara apresenta-se, como se disse, universal e remoto.

O feiticeiro ou homem mascarado de bisão de Ariege; os personagens mascarados ou espíritos do Abri Mege de Dordogne e Les Combarelles colocam já longe, nos costumes dos homens, o de cobrir o rosto com máscaras.

As Máscaras na Antiguidade

Na história antiga, a máscara desempenha papel importante. Os monumentos egípcios, gregos e romanos figuram-nos repetidamente. Baixos-relevos

assírios dão-nos mascarados curiosos como aquele «sacerdote-água» do rito da fecundidade das palmeiras.

No Egipto e em Micènes foram achadas múmias de reis com o rosto coberto por máscaras de ouro.

Segundo historiadores da antiguidade, entre eles Diodoro da Sicília, os reis do Egipto, em certas solenidades, cobriam a face com máscaras, representando figuras de leão, lobo e leopardo. As «máscaras funerárias» que cobrem as múmias são algumas vezes deste género.

Em túmulos púnicos foram também achadas máscaras mortuárias, idênticas às do Egipto.

Os Gregos possuíam grande variedade de máscaras, que correspondiam a deuses, deusas, heróis, reis e rainhas, sacerdotes, jovens, velhos, bruxos, escravos, cortesãs, etc., e as bacantes cobriam a cara com máscaras de casca de árvore.

Os Romanos herdaram as máscaras dos Gregos e fizeram delas grande uso, depois do século II da nossa era. Na antiguidade destes povos, a máscara era parte essencial da indumentária dos actores. Com elas suscitavam personagens e permitiam-lhes reforçar a voz.

Ainda no século XVII, a comédia italiana fez largo uso de máscaras e, na Inglaterra, applicavam-nas em divertimentos dramáticos, alegóricos ou mitológicos.

E teve outras e diversas funções: no século XIV serviu a máscara como disfarce e para preservar a pintura das damas; no século XVI foi moda as damas de classe saírem mascaradas; no fim do século XVII, a máscara era ainda de uso corrente.

Entre os povos europeus, as máscaras foram executadas em folhas e entrecasas, tela, madeira, veludo, seda, papel e outros materiais.

Dada tamanha divulgação, as máscaras foram ainda importante elemento decorativo na arquitectura, nos móveis, na cerâmica, etc. E hoje em dia que é a caracterização dos actores e dos *clowns* senão uma reminiscência ou persistência da máscara do remoto drama da antiguidade?

As Máscaras no Oriente, América e Pacífico

No Oriente, a máscara impõe igualmente o seu domínio. Os Japoneses usaram máscaras litúrgicas talhadas em largos movimentos fisionómicos e com grande poder de expressão.

Há-as de tipo ornitomorfo e zoomorfo, providas de chavelhos e grandes caninos. Algumas apresentam enormes olhos dilatados — elementos estes que também encontramos entre as máscaras africanas.

Certas máscaras japonesas dos séculos IX e X revelam um *facies maori*.

Os Javaneses usaram máscaras, muitas delas com fendas palpebrais, deslocadas para a base da órbita, para permitirem a visão sem prejudicarem a pintura e o efeito expressivo da pupila. No Oeste africano e no Congo encontram-se máscaras com idêntica disposição.

Os actores hindus cobriram-se com máscaras ornadas e pintadas e, como estes, muitos outros povos orientais.

Passando à América e aos seus povos remotos, como os Incas (Peru), encontram-se «máscaras de múmias» de ouro e de prata, à semelhança de egípcios, micenas e púnicos.

Nos Aztecas do México, a civilização Teotihuacan deixou máscaras funerárias, algumas de cobre fundido.

No Alasca, há máscaras esquimós de madeira, pintadas de vermelho com fendas palpebrais em forma de amêndoa ou em forma de meia lua, de pontas para baixo. Em algumas, um troço de madeira atravessa o septo nasal — modo de adorno também comum em África.

Nos Índios da Colúmbia Britânica, existem máscaras de soberba expressão, dum suave e irreal naturalismo, traduzido em madeira policromada. Outras figuram animais e desempenham, nas danças, significados totémicos.

Ainda na Colúmbia, algumas máscaras apresentam, suspensas do septo nasal, placas adornativas. Na mesma região, certas máscaras esquimós escancaram risos em bocas rasgadas de dentes imbricados, sem incisivos, afirmando a existência de bom humor sob o Círculo Polar Ártico. Em certas danças, entre os Índios do Brasil, também se usam as máscaras, improvisadas de um casco de cabaça.

Através do Pacífico, o domínio da máscara subsiste. Na Papuásia, há máscaras de olhos tubulares, nariz reprimido e boca em crescente no jeito do riso. Outras têm olhos mamilares, contornados por círculos em relevo e umas bocas de peixe, guarnecidas por meio cento de dentes afiados.

Alguns modelos são ovalóides, oblongos, com narizes de ave de rapina e olhos encovados em órbitas convencionais. Bordaduras decorativas ornam o rosto, e o perfil do queixo, serrilhado, simula a barba.

Os Papuas, totemistas e veneradores dos antepassados usam grandes máscaras de dança, mais ornamentais que plásticas, espécie de escudos pintados.

Para além do Mar do Coral, nas Novas Hébridas, há máscaras de fibras com longas barbas e cabeleiras, e outras, de madeira, pintadas de azul e vermelho.

Na Nova Caledónia, encontram-se máscaras excêntricas de narizes monstruosos e risos rasgados de polichinelo.

No Hawai, máscaras de deuses da guerra, dir-se-iam inspiradas em monstros marinhos: bocas desmedidas com uma centena de dentes afiados e grandes discos claros, simulando olhos, aos lados do nariz acidental. Uma malha fibrosa, endurecida, constitui a matéria da máscara.

A criação da máscara é de facto um fenómeno universal. Dos traços gerais delineados, verifica-se realmente a notável diversidade de modelos e significações de que é susceptível, e, como não podia deixar de ser, certos estilos peculiares ao carácter das culturas dos diversos povos e à influência do ambiente.

África Continente das Máscaras

A África não se escapa a estas leis fundamentais.

Notam-se, por toda a parte, África incluída, convergências e semelhanças de diversa ordem.

O homem mascarado de bisão de Ariege projecta-se do fundo da pré-história para os povos actuais africanos, onde a máscara zoomorfa subsiste intensamente.

Os reforçadores ou modificadores de voz de velhas máscaras europeias encontram certa aproximação na existência de modificadores da voz usados pelos africanos.

Os olhos, ora em fenda ora dilatados, de algumas máscaras japonesas; de fenda palpebral deslocada, permitindo a visão sem prejudicar a expressão da pupila, ao modo javanês; tubulares e mamilares em algumas máscaras do Pacífico; convencionais ou naturalísticos por diversas partes, também se encontram nas máscaras africanas. O mesmo se diga dos adornos do septo nasal de máscaras da Colúmbia Britânica, Alasca e outras regiões. A aplicação de cornos e grandes caninos encontra-se nas máscaras de diversos continentes, África incluída. Os narizes aduncos das máscaras da Papuásia também encontram congêneres em máscaras da Guiné Francesa.

Estas aproximações registam-se a título de curiosidade. Procurando-as, encontrar-se-iam imensas. Porém, o facto de inúmeros povos, por inúmeros séculos, incidirem sobre o palmo quadrado do rosto humano, reproduzindo-o e estilizando-o rebuscadamente é o suficiente para explicar muitas semelhanças independentes de cópia ou contacto.

Existem, é certo, influências de origem por vezes longínqua. Contudo, ocupar-nos-emos apenas de algumas semelhanças de estilos e significados com relação às máscaras africanas.

A valorização da máscara da agigantada cabeça da esfinge de Giscp, já foi notada como um resultado do culto pela fisionomia, patente no Continente Africano.

Esta tendência atingiu a sua mais alta expressão formal no Oeste Africano, cuja civilização é por isso designada por Grande Civilização das Máscaras. Foi aí, realmente, que a máscara alcançou o máximo esplendor, estabelecendo verdadeiro império em uma vasta zona limitada a Norte pelos cursos do Senegal e do Níger, e, daí, ao longo da costa atlântica até às margens do Zaire, compreendendo os territórios das Guiné, Senegâmbia, Serra Leoa, Libéria, Costa do Marfim, Achanti na Costa do Ouro, Togo, Dahomé, Nigéria e Camarões.

Na Nigéria se situam as famosas escolas de Ifé e de Benin, notáveis pelas cabeças e máscaras de bronze, pelo processo de cera perdida. As máscaras de marfim de Benin e as cabeças de bronze de Ifé contam-se entre os mais realísticos exemplos da arte oeste africana. A similaridade do estilo de Ifé com o clássico grego e romano e com o egípcio tem sugerido várias hipóteses, estando admitida uma forte influência do exterior, transportada por mar na opinião de uns e através do continente segundo as razões mais prováveis de outros averiguadores, sem exclusão de se vir admitindo uma origem mais próxima.

Algumas destas obras vêm sendo dadas no século II e a épocas anteriores.

Pelos motivos expostos, o trabalho destas escolas muitas vezes agrupadas, genericamente, sob o nome de Benin, ocupa um lugar de elevada perfeição técnica e artística, no conjunto das máscaras africanas. O emprego de materiais mais nobres dão também uma classe particular às realizações destes centros.

Máscaras Dogons

Todavia, a pobreza dos materiais empregados por outras escolas não podem arrastar o valor intrinsecamente artístico das peças de arte. Para mais, acontece que, em África, pode dizer-se, o material sagrado é a madeira, chegando mesmo a verificar-se que a rusticidade das matérias coincide, muitas vezes, com uma maior riqueza de ideias. Seja porque a valorização artística da máscara a leve a abandonar um pouco as significções primitivas, seja porque o afinamento técnico, correspondendo a um passo cultural superior, deixou um pouco para trás as tradições da intensa vida ritualista das civilizações mais estacionárias.

Nos *Dogons*, estabelecidos entre o Níger e a Guiné Portuguesa, é que falavam, em princípio, uma língua aparentada aos mandigas, encontra-se um vasto uso da máscara de madeira, intimamente relacionado com a religião. Esta é, sobretudo, feita do culto dos antepassados. As suas máscaras acusam, também, segundo M. Griaule, um intenso complexo totemista. É ainda Griaule quem informa que a instituição das máscaras *dogons* nasceu do culto

votado a um fundador do *clan*. Esse fundador foi o primeiro mortal num povo que anteriormente era constituído por imortais. Segundo a crença nativa, depois da sua morte, transformou-se em serpente, e uma máscara *dogon* apresenta-o sob essa forma.

Realmente, nos *dogons*, as máscaras tomam características estranhas, revelando uma certa imaginação religiosa, e também artística, nestes povos do Sudão Francês. Este culto abarca não apenas o campo religioso propriamente dito, mas também o folclórico. Dada a íntima relação da máscara com os espíritos, esta chega a receber culto, ela mesma, em altares especiais.

As raízes deste culto vêm de longe, facto bem testemunhado nas pinturas rupestres da região, povoadas por inúmeras figuras de bailarinos mascarados. Acrescente-se a existência de cavernas-templo de máscaras gigantes, situadas nas proximidades das compactas povoações *dogons*. Algumas máscaras gigantes cujos modelos rematam sempre por longas extremidades que lhes coroam as cabeças, chegam à dezena de metros. Uma delas, a máscara *Gogoli*, dorme sobre um leito de crânios. Outras repousam em abrigos rochosos há mais de dois séculos.

A par destas grandes máscaras, outras coexistem de dimensões normais, figurando seres humanos ou humanóides dos dois sexos e diferentes idades. Tomam importância especial as que são votadas ao culto dos antepassados. O equipamento de máscaras *dogons* prolonga-se em muitos outros e diversos significados, figurando antílopes, bovídeos, lebres, macacos, felinos, hienas, sáurios, cegonhas, avestruzes, galinhas selvagens, patos, mochos, e outros assuntos ornitormos. Finalmente, encontram-se máscaras simbolizando surdos-mudos, profissões, guerreiros e caçadores, e contam ainda outras de significado moderno, suscitando figuras europeias.

Alinham máscaras de evocação histórica. Uma delas recorda o conquistador Peul que ocupou Bandiaga.

Há complicadas máscaras de curandeiros sobremontadas por figuras e há-as decoradas com quantidades de caurins (*Cyprea moneta* L.) dispostos em conjuntos geométricos de valor decorativo.

Reatada ao culto da máscara e do homem mascarado, encontra-se uma corte de usos, costumes e ritos complementares traduzidos por bailados, cantos, mímicas e representações de vário significado.

Alguns mascarados *dogons* exibem-se empoleirados sobre elevadas andas.

Dum modo geral, entende-se nestas práticas mascaradas uma tentativa de conciliar os concursos benéficos, ou neutralizar, mais ou menos, a força sobrenatural que anima os mortos. Estes podem ser homens ou animais. Neste último caso, visa-se a evitar a vingança dos animais mortos na caça.

e triangular de perfil convexo, malares proeminentes, bigodes de pontas em pincel, descaídos, boca entreaberta, língua distendida, e a particularidade «rara em África» (Baumann) de ter o queixo inferior móvel. Há na expressão violenta desta máscara um bramido de esforço.

A existência de chifres, alto toucado e olhos proeminentes, características estas distintivas de classe, indicam que esta máscara deve representar herói ou génio, ao menos um antepassado de categoria.

As máscaras da Libéria incluem peças grandes talhadas num só bloco de madeira. São usualmente coloridas e, não raro, muito pesadas. Segundo Leon Underwood, as antigas cores eram as seguintes: vermelho (pigmento vegetal), amarelo, ocre, branco (caulim), negro fuligem e índigo.

Na Costa do Marfim, que confronta a Libéria pelo leste, encontram-se na sua zona norte, entre os *senufos*, máscaras cornutas de concepção arrojada, tatuadas a primor. Executam outras, antropomórficas, de diferentes significados. Uma máscara deste grupo apresenta as pálpebras descaídas. Sono? Morte?

Também entre os *baules*, afastados para leste, há máscaras de doçura feminina, e de fronte elevadas e nobres, coroadas de tranças, que parecem dormir embaladas num sereno sono feiticista.

Outras máscaras, masculinas, deste tipo, apresentam barba em forma de leque e apêndices barbiformes. Abrem fendas palpebrais falsas nas pálpebras superiores da máscara, para efeito de visão do bailarino, enquanto o verdadeiro traço de encontro das pálpebras, bem nítido, se mostra cerrado. A máscara parece realmente significar um adormecido ou um defunto.

A existência de fendas para a visão afirma que estas máscaras são envergadas por bailarinos ou personagens mascarados. Que significam elas? Só um conhecimento conveniente do povo e do uso pode trazer a explicação. Sem ele, neste como em muitos outros casos, pouco se pode avançar além da morfologia e das significações de grande generalidade.

Na Costa do Marfim, ainda entre *baules*, vêem-se máscaras de ousada expressão, algumas vezes humanóides e, conjuntamente, máscaras zoomorfas cornutas. Nas primeiras há-as de linhas simples, convencionadas, semi-naturalísticas, que lembram bastante algumas máscaras angolanas de Lunda.

Possuem os *baules*, no âmbito da sua escola realista, uma curiosa indústria de pequenas máscaras de ouro fundido, das quais contam dezenas de modelos. O processo de fabricação empregado é o de cera perdida dos bronzes de Benin. Estas máscaras não representam deuses ou génios como as de madeira do Alto-Volta, Guiné e Dahomé. São dum sentido comemorativo, de pequenas dimensões, e representam fisionomias de chefes vivos ou mortos. Figuram também inimigos valorosos, vencidos, e destinam-se de algum modo

a comunicar ao vencedor a força do vencido. São, por vezes, filigranados como os objectos anti-islâmicos de Rao e a maior parte das jóias senegalesas actuais. Estas pequenas máscaras de ouro, parte delas zoomorfas, ligam-se ao culto da fecundidade e desempenham um papel no animismo dos *baules*. São relativamente modernas, uma vez que os *baules*, fundados por uma rainha-mãe dos *dakos*, tribo dos *achantis*, datam de 1750. Nos próprios *achantis* se encontram máscaras de ouro. Uma delas do tesouro do rei *achanti* Calcali tem 175^{mm} de altura. O estilo da máscara é fortemente naturalístico.

A oeste dos *baules*, na tribo dos *uobes*, há máscaras de olhos vasados, grandes e circulares, usadas nos ritos da tribo.

Da Costa do Ouro à Nigéria

Na vizinha Costa do Ouro, aparecem-nos máscaras de animais, providas de tremendas dentuças, contrastando com modelos inspirados nas formas do rosto humano. Todavia, encontram-se máscaras antropomórficas, de bocas escancaradas, armadas de dentes metálicos ameaçadores. Idênticos modelos se encontram na Costa do Marfim, na tribo dos *guerés*.

No Dahomé, entre a Costa do Ouro e a Nigéria, a grande civilização das máscaras não sofre descontinuidade. Há-as de expressão humanizada e outras de feição decorativa, onde as contas coloridas e as conchas caurins são elemento predominante. Na mesma região, entre os *fons* bailam estranhos mascarados com cabeças bovídias, sobrepujadas por figuras e cabeças humanas. Em algumas destas máscaras, nota-se a particularidade rara do queixo inferior móvel.

Na Nigéria, há máscaras de cabeça completa, duplas (biface), de madeira pintada e expressão incisiva. Em alguns casos as pupilas são de metal. Aí se encontram também máscaras pintadas de branco, com os olhos contornados a vermelho.

Tanto nos dentes metálicos das máscaras da Costa do Ouro e da Costa do Marfim, como nas pupilas de metal das máscaras da Nigéria e nos olhos contornados a vermelho, usados nesta mesma região, verifica-se o intuito de imprimir às máscaras efeitos dramáticos, atemorizantes, capazes de impressionar o espectador.

Nos *idjos* do sul da Nigéria, nas águas do delta, surge-nos um tipo de máscara pouco vulgar: é provido de um cabo, tendo nas linhas gerais a forma de uma palmatória. Entre os *maiacas* do rio Cuango (Angola), vamos encontrar máscaras deste género, as quais eram exibidas em punho, em modo de emblema, durante conversações com outras tribos. É possível que a sua afim dos *idjos* tenha idêntica aplicação. Ainda nesta última tribo encontramos

máscaras de audacioso lance e flagrante expressão, obtidas pelos escultores, duma peça única, com grande economia de linhas. As máscaras deste povo apresentam certa distinção das dos povos em redor. Atirados para os charcos do delta, pela pressão dos *iorubas* e *benins* invasores, é possível que certa independência de arte e costumes seja resultada da resistência aos usos dos antigos inimigos. Influência do meio será ainda o uso entre os *idjos* de umas máscaras que reproduzem cabeças de hipopótamos, altamente estilizadas, e que figuram nas danças em honra dos espíritos das águas. Contam estes *idjos*, ainda, outras máscaras zoomorfas, entre elas uma de expressão simiesca, destinada a cerimónias de fertilidade. Um modelo idêntico se encontra entre os *guros*, na Costa do Marfim.

Nos *ibos*, no Sul da Nigéria, a norte do delta, máscaras de madeira de narizes tortos e abatidos e grandes dentes embricados dão-nos ideia de máscaras cómicas. No Norte desta possessão, nos *chambas*, vêem-se máscaras cornutas de certo requinte estilístico.

Nos *ibíbios*, um pouco a leste, mais máscaras cornutas se encontram, coloridas, de talhe vigoroso, onde de novo encontramos a particularidade do queixo móvel, em alguns raros modelos.

Nos *djugons* encontram-se máscaras de fibras de palmeira, entrançadas, e por vezes coloridas, reatadas à circuncisão.

Nos *iorubas*, na grande região artística dos *benins*, multiplicam-se os estilos e as técnicas. Há máscaras simples e compostas de variadas formas, certas delas uma espécie de capacetes corniformes com grandes olhos mansos, de expressão bovídia, a par de outras com cabeças humanas, sobrepujadas por animais. São de grande beleza as máscaras de marfim desta região.

Em torno, correm as famosas escolas do bronze, onde a máscara se apeia de peça ritual para cobrir o rosto e invade as artes, como motivo particularmente decorativo. São bem conhecidas, entre outras, as máscaras elmo de Benin.

Nos *igalas*, que terão tido uma origem comum com os *iorubas*, o seu chefe Atagala, usava, como insígnia da condição, uma máscara de tamanho natural, suspensa do pescoço por colares (Seligman). Na Nigéria do Norte, usam-se máscaras de animais selvagens para ludibriar a caça. Parece tratar-se dum sistema muito primitivo. Aliás, verifica-se este facto entre os bochimanes do Sul de Angola.

E assim notamos nestes territórios da Nigéria uma notável intensidade do uso da máscara: ora a encontramos em aplicações práticas, primitivas, no uso de caçadores, ora ostentada como símbolo no peito de chefes indígenas, ou representada em obras de bronze, constituindo as mais altas expressões da arte da África Negra.

Dos Camarões ao Zaire

Nos Camarões de novo achamos o uso de máscaras zoomorfas em ritos de caçadores. Os *bamenda*, no Grassfield, no Nordeste do domínio, têm máscaras especiais para a dança da lua nova, e outras para cerimónias propiciatórias da caça. Na mesma região, os *bamuns*, executam máscaras de feição naturalista, a par de outras de carácter demoníaco, de pesada e estranha estilização. São-lhe atribuídas algumas máscaras de bronze do tipo daquelas de evocação clássica, onde o talento plástico se afirma categoricamente. Nos *ecois* entre outros modelos encontramos duplas máscaras ligadas pelas nuças, as quais eram, em tempo, cobertas com pele humana. Ainda nos Camarões os *bafuns* dão-nos máscaras que reproduzem cabeças de elefante.

Nos *bamessingues* (segundo o parecer dum colector daquela região, H. Himmelheber), as máscaras não são religiosas, servindo sociedades secretas, no intuito de espalharem temor entre os iniciados e as mulheres. Regista-se ali uma máscara que sugere as formas do búfalo.

Nos *balis* dos Camarões, uma máscara recolhida em 1938 representava um elefante numa estilização muito comum a assuntos de arte, e frequentemente empregada no adorno de portas, trancas e marfins insculpidos.

Seguindo ao longo da costa atlântica, a máscara continua o seu domínio no território do Gabão, onde é cultivada entre os *pongues*, *bacotas* e outras tribos. Em alguns modelos os olhos são simples interstícios, não mostrando traços da boca ou das orelhas. A par, outras incluem olhos, órbitas e pavilhões auriculares, perfeitamente marcados. Coexistem, também, padrões simples, apenas do rosto, e outras de máscara mais completa, onde a cabeça é valorizada por altos toucados. Algumas máscaras desta região são ornadas com tiras de cobre. Os *pongues* traduzem expressões doces, emolduradas em toucados estilizados, fantasiosos, de acabamento cuidado. Dão-nos também umas máscaras pouco comuns, de quatro faces, ligadas lateralmente, e opostas duas a duas, talhadas em um bloco comum.

Vamo-nos afastando da grande zona das máscaras atlânticas ou das grandes escolas do oeste, mas de novo encontramos um importante centro de máscaras na zona equatorial entre os povos congolezes.

Para sul, junto às águas do Zaire e do Cuango e ao longo da fronteira norte de Angola, as culturas da máscaras ainda se afirmam, assinalando-se para o interior do território angolano ramificações importantes que constituem os últimos prolongamentos austrais daquelas duas escolas citadas, principalmente da equatorial.

O nordeste de Angola, filia-se, sem dúvida, nos estilos do Congo. No norte, entre o Zaire e o Cuango, nos *maiacas*, em particular, predominam traços evidentes das escolas do Oeste.

III

MÁSCARAS DO CENTRO AFRICANO

AS ESCOLAS CONGOLESAS

Máscaras Bapendes e Angolanas
A Cultura Africana da Máscara.
Área de Distribuição
Evolução, Formas, Empregos e
Significações das Máscaras

O segundo grande centro da cultura da máscara coincide com o domínio das escolas de arte congolesas, cujos núcleos mais importantes se situam no território do Congo-Belga. A parte sul deste domínio é particularmente rica em máscaras em coincidência com uma quantidade de associações inspiradas no culto dos mortos.

Foi provavelmente entre os *rua* ou *uarua* tribo situada nas proximidades da extremidade norte do lago Tanganica que, no parecer de René Gaffé, se terão instalado os centros de escultura mais valiosos.

Porém, a escultura congolesa estende-se a vastas dimensões, assinaladas por centros artísticos de marcado valor. Na grande curva do médio Zaire, acantonados entre aquele curso e alguns dos seus afluentes importantes, estacionam os *buchongos* vulgarmente designados *bacubas*. Resistindo ao avanço da colonização e à destribalização dos povos vizinhos, vem mantendo desde há séculos o seu padrão cultural, esmaltado por realizações notáveis, particularmente no campo da escultura, onde a representação da fisionomia toma importância capital. E, assim, a par das estatuetas comemorativas dos seus chefes, que os álbuns de arte negra insistentemente reproduzem, talham soberbas máscaras de diverso tipo. São deles as máscaras estilizadas representando cabeças de pigmeus, caracterizadas por acentuada proeminência frontal. É ainda dos *buchongos* o celebrizado tipo de máscara, conhecido por *Bombo*. Nos seus exemplares, encontramos a proeminência frontal da máscara de pigmeu, em alguns casos cobertos de entalhes, contas coloridas, caurins e sementes lenhosas, sonoras.

Outros modelos são mais ricos: esmaltam-se de conchas dispostas em ordem quadripétala e de contas coloridas, bordando conjuntos de perfeito desenho geométrico.

Há máscaras de olhos rectangulares, outras de olhos fendidos e ainda tubulares, muitas vezes avivadas por pinturas a branco.

Próximo, encontram-se os *uarega*, autores de celebrizadas máscaras de marfim e de vários modelos de madeira alguns deles pintados a cores. Acerca de uma máscara de marfim dos *uarega* disse-nos o Prof. Leon Kochnitzky ter-lhe encontrado «uma expressão de serenidade e nirvana», única entre as máscaras congolezas. Algumas, bastante antigas, parece terem sido do uso duma seita.

Os *balubas* a leste do curso superior do rio Congo, cultivam, como os *buchongos*, em larga escala, as máscaras de madeira. Algumas delas de cabeça completa, monobloco, traduzem na construção o tipo das cabeças-elmo do Oeste, assemelhando-se a modelos *gelede* do centro de Ioruba. É muito estimada uma máscara baluba encontrada em 1899. Supõe-se que retrate um chefe daquele povo. Talhada em madeira, em uma peça inteiriça, apresenta olhos em fenda, estreitos e longos, e boca entreaberta. Da parte posterior da cabeça, partem dois chifres que encurvam, passando pela parte de baixo das orelhas, projectando-se para a frente, rentes aos malares.

Na nuca modela-se uma ave de asas abertas. O rebordo da máscara é orlado por cordões.

No vasto domínio influenciado pela cultura baluba, persiste a existência de novos modelos entre diversas tribos. Os *bassonges* criaram máscaras altamente estilizadas, onde alguns observadores julgam encontrar evocações do grego clássico, à semelhança do que se verifica nos padrões culturais do Oeste.

Alguns modelos, raros, de máscaras circulares, parece traduzirem uma representação solar. Importada directamente dos *balubas*, revela, todavia, reminiscências de técnica buchongo.

Originário deste povo, encontra-se, por várias tribos, um modelo de máscara losanguiforme, de face plana, sumária até à síntese. Muitas delas ostentam proeminências corniformes e ornatos no alto da frente, e, em alguns casos, uma espécie de gládios desembainhados. Vamos encontrar o modelo entre os *bapende* povo que contribuiu bastante para a divulgação desta máscara no território do Norte de Angola, entre o Cuango e o Cassai.

Os traços desta máscara recordam os estilos esquemáticos do Oeste africano, não deixando entretanto de evocar particularmente os da arte sudanesa, na sua tendência de geometrizar as formas, tendência notória desde os *dogons* até ao norte da Nigéria, principalmente.

Os *bena-lulua*, detentores de uma importante escola de arte, alinham

vários modelos de máscaras que influíram bastante em muitos povos do núcleo dos balubisados e outros, estranhos a esses grupos, como os quiocos. São vários os modelos de madeira. Repetidamente, pinturas de cores vivas, traços brancos contornando os olhos realçam o efeito dramático das expressões

Encontramos nos *baboa* umas máscaras de madeira, pintadas, bastante originais, providas de grandes orelhas circulares. Os *canioca* praticam igualmente esta arte. Uma das suas máscaras, de grande simplificação de linhas, apresenta contorno redondo e fronte proeminente prolongando-se pela parte de baixo e a meio por um nariz simples em forma de cunha. Três aberturas circulares formam os olhos e a boca.

As máscaras congolezas envolvem uma larga tradição. De algumas se diz terem sido invenção de reis indígenas. Uma delas é atribuída a uma mulher.

Máscaras Bapendes e Angolanas

Os *bapendes* actualmente acantonados no sul do Congo Belga, próximo às águas do Djuma e Cuango, usam uma máscara muito característica de rosto curto, que se prolonga por longa pala, em forma de barba. Os olhos, de desenho semelhante ao sinal ortográfico til, são muito cerrados. O nariz largo, sobrelhas largas, longas e confluentes, boca pequena, orelhas triangulares e fronte abaulada. Umhas franjas de palha formam uma romeira ou duplicam a ideia da barba. O toucado de tecido e fio de mabela imita um penteado tradicional do povo. Estas máscaras são, morfológicamente, absolutamente idênticas a umas outras, pequenas, de marfim, usadas como amuleto pelos homens *bapendes*. Alguns observadores admitem neste uso uma influência árabe.

Os *bapendes*, povo de origem meridional, habitaram largos trechos do nordeste de Angola, antes de se estabelecerem no Congo para onde se retiraram impelidos pelos fundadores do Estado dos *Bangalas*, no Cuango, no princípio do século XVII. Alguns núcleos restaram no território angolano. Mercê das relações com os seus parentes foragidos dissimularam-se pelo norte de Angola, a leste do curso do Rio Cuango, vários modelos de máscaras de povos congolezes, dos quais restam ainda sobrevivências.

Ao longo das águas do Cuango, no trecho em que o curso forma a fronteira Luso-Belga, vive, repartida por Angola e Congo, a tribo dos *maiacas*, notáveis pelas máscaras de madeira que executam e usam. Como força interior de expressão e arrojo de forma, estas máscaras incluem-se no número dos bons exemplares africanos. Este estilo prolonga-se a alguns povos do Congo Português. Alguns modelos das máscaras maiacas apresentam olhos bolbosos, risos escancarados e narizes enormes em forma de cabide. Dificil distinguir nestas obras a fronteira entre o cómico e o trágico. Aplicações de cores diversas

realçam o poder expressivo destas máscaras. Armações de madeira e tecidos de ráfia formam os toucados e chapéus. Com estas fibras de ráfia formam também longas romeiras ou barbas que emolduram o rosto das máscaras. Esta arte dos *maiacas* acusa influências nítidas do oeste africano. Inclusive, encontra-se entre eles a máscara com empunhadura que registámos no Sul da Nigéria. O modelo encontra-se também entre os *lundas* de Nuatiânvua, certamente por intermédio dos *maiacas*.

Entre os *quiocos*, no nordeste de Angola, cultiva-se intensamente a factura e uso das máscaras, fundamentalmente reatadas ao culto da circuncisão. A máscara tipo do antigo padrão quioco era armada em varas de madeira, forrada de entrecasca e coberta de resina modelada. Sobrepos-se a este modelo o da máscara de madeira ao modo congolês. As mais vulgares reproduzem rostos de mulheres, traduzidos, morfológicamente, por formas onde se enlaçam estilos entre convencionais e naturalísticos. O nome da máscara predominante, *muana-puo*, traduz-se por rapariga.

Entre os *luenas*, no Alto Zambeze, Sul da Lunda e Moxico, um idêntico modelo de madeira caracteriza o uso.

A maioria das máscaras que correm pelo centro de Angola, ao longo dos *ganguelas*, são provenientes dos artistas ou das escolas daqueles povos *quiocos* ou *luenas*.

Ainda na Lunda, na Zona nordeste, subsistiam padrões de máscaras de madeira mais ou menos alterados, provenientes de antigos povos do grupo bacongo, que habitaram em tempo a Lunda e que os *quiocos* repeliram para norte, quando invadiram a região. Os derradeiros modelos destas máscaras foram recolhidos há uma dezena de anos pelo Museu do Dundo, onde figuram. Os *cacongos*, no rio Cassai, mantêm o uso de uma máscara de face lozangui-forme e nariz espesso, desproporcionado, em forma de cunha, cujo estilo se reata ao equatorial directamente.

Na Lunda Central encontrei, em 1937, uma máscara de varioloso. Não foi possível concluir se acaso terá relação com as máscaras dos Gabões, usadas em danças esconjuratórias da varíola, registadas por Pedrals. É fora de dúvida que numerosos fios ligam o sul do Congo ao sul da Nigéria, através do Gabão. Por sua vez, o sul do Congo tem íntimos contactos com o norte de Angola.

Nos *ovimbundos*, no interior de Benguela, encontram-se alguns modelos de máscaras de madeira que se reatam pelos seus estilos, ao norte e ao nordeste.

Daqui para sul, o domínio da máscara ao longo da Costa Atlântica, começa a extinguir-se.

Pouco além, a cultura pastoral camitizada faz barreira, inclusive, à arte da escultura.

A Cultura Africana da Máscara. Área de Distribuição

A cultura da máscara assinala-se, portanto, na Costa Oeste, desde as águas do Senegal até Sul das águas do Cuanza. É decerto o suficiente para caracterizar a cultura atlântica africana. Diga-se então, em síntese, que a África, culturalmente, vista do Atlântico, é uma máscara imensa. Por detrás dela, abrigam-se inúmeros padrões de vida, onde o rito religioso e a arte, consorciando-se, constituem traços fundamentais das suas complexas estruturas.

Para o coração africano, tão longe como os lagos interiores, encontramos a máscara na mão dos artistas equatoriais. Para o sul, nos *subias* do médio Zambeze, existem máscaras de bocas proeminentes, guarnecidas de dentuças afiadas, cujo modelo evoca influências septentrionais. Para Norte, no Sudão Oriental, entre os *chiluques*, nilóticos e incircuncisos, umas máscaras rudimentares feitas de cabeças caricaturaram o leopardo. A inexistência de circuncisão é quase sempre acompanhada de um decréscimo de uso de máscaras.

Finalmente, na costa oriental, junto ao Índico encontram-se algumas máscaras relacionadas com os ritos da juventude. Daí o uso de máscaras de mulher, com seios artificiais, entre os *rovumas*. Por aí, os *macondes* são tidos como propagadores das máscaras no género ocidental.

Fechando este esboço de distribuição de máscaras africanas, disposto por um largo método geográfico, verificamos que a cultura da máscara, que é na Costa Atlântica um facto predominante é na Costa Índica um incidente.

Um trabalho de classificação das máscaras africanas apresenta dimensões e problemas invulgares. Realmente, os caracteres morfológicos e as escolas artísticas, a par dos significados ora totémicos ora animistas e ainda outros mitológicos e históricos, constituem uma vasta matéria de análise. Se depois se considerarem as interligações de estilos, ora naturalísticos ora esquemáticos, algumas vezes sintéticos e a interpenetração dos povos, com toda a série de influências, mais complexa se apresenta a classificação das máscaras africanas, a qual assume, por esse motivo, o carácter dum trabalho absolutamente especial. O extenso domínio das máscaras na Costa Ocidental dá ideia da sua grandeza. Esta zona fica compreendida, aproximadamente, no ciclo Paleo-Matriarcal ou das máscaras, e neo-matriarcal de Montandon. Em Baumann, corresponde a uma maior subdivisão, distribuindo-se pelos ciclos Atlântico Ocidental, Atlântico Oriental, Semítico Oriental, Congo Norte, Congo Sul e Zambeze-Angola, ao longo do mar, e a outros na zona do Sudão Ocidental.

Também as diferenças entre estes dois sistemas de divisão cultural nos

mostram a multiplicidade de aspectos que o estudo das máscaras pode acarretar, levado a uma base de sistematização.

As dimensões do assunto, consideradas no seu aspecto universal levariam mesmo ao estabelecimento de leis.

Uma delas seria esse fenómeno geral de mutação da personalidade, que constitui o fim imediato do uso da máscara. Realmente, a máscara é sempre o rosto do outro, seja ele homem, génio, herói ou divindade. Pode ser ainda a expressão do animal e a significação de coisas. O homem, enfim, usou a máscara para deixar de ser ele próprio (excepção ao facto de se admitir a existência de algumas máscaras funerárias que representariam a face dos mortos). No uso da máscara africana essa lei geral subsiste.

Das máscaras, pode dizer-se, também, ser essencial a existência de órbitas rasgadas para visão do bailarino, facto que lhe afirma uma existência funcional de objecto para cobrir o rosto e permitir o uso dos diversos bailados, ritos e cerimónias. As próprias máscaras de punho, se apresentarem olhos vasados, devem provir de uma origem de rito mascarado.

Evolução, Formas, Empregos e Significações das Máscaras

Em África a evolução da máscara de madeira para mascarados parece desenvolver-se do seguinte modo. Primeira fase: uma face cortada do alto da frente ao queixo pela frente da orelha. Este modelo apresenta, na grande maioria, um pavilhão auricular sumário, destinado, quase, a suspender adornos. Na segunda fase desenvolve-se a cabeça, ligada ao rosto e à face que se torna mais ampla, apresentando pavilhões auriculares mais desenvolvidos. Na terceira, temos face, cabeça e a manga que forma o pescoço, modelo que parece achar-se consagrado nas máscaras de bronze, decorativas, de Benin. Nesta terceira fase, a orelha, acompanhando o progresso plástico toma importância e desenvolvimento normal. Em alguns casos, tende ao exagero, em contraste com o pavilhão incipiente da primeira fase. A observação de algumas centenas de máscaras angolanas sugere esta classificação que, contudo, só moderadamente desejo generalizar.

As máscaras africanas, sem considerarmos o seu fim e aplicação, são manufacturadas com diversos materiais. Depois da madeira, o material por excelência, encontram-se máscaras de folhas secas, resina, fibras vegetais, entrecasas, peles de animais, cobre, bronze, ouro, marfim e panos, ornadas com elementos diversos, como metais, conchas e conchas. Muitas vezes são pintadas de cores variadas.

Relativamente ao porte das máscaras, como se viu, em África, além das verdadeiras máscaras pela função, ou máscaras para mascarar, existem má-

caras amuleto, como as de ouro dos *baules* e *achantis* (Costa do Marfim), de marfim nos *bapendes* (Congo Belga e Angola) e outras, são identificadas por agora.

Há máscaras munidas de empunhadura para levar em mão (Nigerianos, Maiacas e Lundas). Outras, sem punho, servem ao mesmo fim (máscaras de marfim dos Uarega, no Congo Belga), e há máscaras para culto, enormes, inadaptáveis à condição de cobrir o rosto, como aquelas gigantes dos *dogons* (Sudão Ocidental).

Quanto à morfologia, há máscaras simples, duplas ou biface, triplas, quádruplas (pongues-gabão), sobrepostas, compostas com grupos de homens ou animais ou ambos os elementos (*epas* no Ioruba); máscaras de face simples, com toucado ou de tipo elmo; máscaras antropomorfas, zoomorfas, ornitomorfas e outras. Há-as que ostentam cenas da vida, como partos (nos maia-mas) e também de dimensões idênticas, inferiores e superiores ao natural.

Oscilando com os estilos, ora plásticos ora decorativos, encontramos máscaras totalmente resolvidas pelo trabalho do escultor e outras de elementos aplicados, como olhos postiços, bigodes, toucados, barbas e cabeleiras, algumas vezes de cabelos naturais como nos *dans* da Costa do Marfim. Máscaras existem que se recobriam de pele humana (ecois). Existem também máscaras-manequim, enormes carcaças, representando, no volume, corpos completos. Encontram-se em Angola, na Lunda, entre os *quiocos* e os *cacongós*.

Relativamente à aplicação e significado, evocação e poderes das máscaras, vimo-las figurar nas cerimónias da circuncisão, no culto de antepassados, no afastamento de males, em cerimónias de seitas, em danças propiciatórias da caça (*bamendas* nos Camarões e outros); em assembleias e entrevistas políticas e em actos de segurança social. São usadas ainda como amuleto e insígnia, no logro da caça (Nigéria), em danças más de agressão ritual, em bailados cómicos, e em ritos diversos, animistas e totémicos (os *totens* são muitas vezes incorporados nas máscaras, como nos *bambara*, *dans*, *baules*, *fonés* e *iorubas*).

Finalmente, as máscaras africanas significam homens, mulheres, algumas vezes retratos (Sudão e Congo Belga), génios, totens, animais, aves, doenças, ofícios, coisas, espíritos diversos, antepassados (quase por toda a parte), heróis, reis, personagens cómicos — algumas vezes o porco, refocilando a terra (*quiocos*).

As máscaras africanas desenham largas perspectivas no tempo, no terreno, nas artes e nas significações.

O presente esboço não vai além duma resenha de agrupamento geográfico, descrições morfológicas, algumas relações e significados; um relancear

de olhos ao conjunto. O problema é vasto, muito vasto. Por detrás da máscara africana não está apenas o rosto do mascarado, mas também a fisionomia íntima, oculta, da alma do negro.

ALGUMA BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- Albert Maurice — Arts Africains et Monde Moderne, Bruxelas s/ d.
Georges Hardy — L'art Nègre. L'art animiste des Noirs d'Afrique, Paris, 1927.
Geoffrey Gorer — Africa Dances, A book about West African Negroes, Londres, 1935.
H. Baumann — Les Peuples et les Civilisations de l'Afrique, Paris, 1948.
Leon Kochnitzky — Negro Art in Belgian Congo, New-York, 1948.
Leon Underwood — Masks, West Africa, Londres, 1948.
L'art Nègre — Présence Africaine, n.ºs 10-11, Paris (1951).
L'art Nègre — Congo Belge, Bruxelas, 1951.
Mendes Corrêa — Síntese de África, Lisboa, 1949.
M. Griaule — Masques Dogons, s/ r.
René Gaffé — La Esculpture au Congo Belge, Bruxelas, 1949.
Radin, Marvel, Johnson Sweeney — African Folktales and sculpture, Bollingen series, vol. 32 (New-York, 1952).
Torday & Joyce — Notes Éthnographiques sur les peuples communément appelés Bakuga. Les Bushongo (Bruxelles, annales du Musée du Congo Belge, 1922).

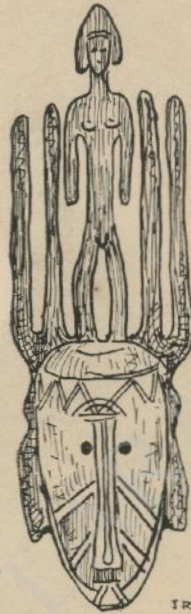
FIGURAS DE MÁSCARAS

- 1 — Máscara *Dogon*, Sudão Francês.
- 2 — Máscara *Bumbara*, Sudão Francês.
- 3 — Pequena máscara de cobre. *Dans*, Costa do Marfim.
- 4 — Máscara de madeira da Costa do Marfim.
- 5 — Máscara de madeira com aplicações de metal. *Gueres*, Costa do Marfim.
- 6 — Máscara de madeira. *Dans*, Costa do Marfim.
- 7 — Máscara de madeira. *Geledés*, Loruba.
- 8 — Máscara cornuta de madeira. *Ecois* da Nigéria.
- 9 — Máscara de madeira dos *Bamuns*. Camarões.
- 10 — Máscara de madeira, pintada. *Pungues*, Gabão.
- 11 — Máscara de madeira «O Guerreiro». *Epas*, Oeste Africano.
- 12 — Máscara de madeira, ornada de contas e caurins (*Cyprea moneta*). *Buchongos* (Bacubas), Congo Belga.
- 13 — Máscara de madeira, ornada de contas e caurins. *Buchongos*, Congo Belga.
- 14 — Máscara de madeira, pintada. *Baboas*, Congo Belga.
- 15 — Máscara de madeira dos *Maiucas*. Rio Cuango (Fronteira Luso-Belga), Angola.
- 16 — Máscara de madeira dos *Bapendes*. Congo Belga e Angola.

- 17 — Máscara de madeira, pintada. Cacongós, Rio Cassai, Angola.
- 18 — Máscara de madeira. Colorida, derivada de modelos de antigos povos da Lunda, Rio Luachimo, Angola.
- 19 — Máscara de mulher. Madeira colorida de vermelho. *Quiocos*, Lunda, Dundo, Angola.
- 20 — Máscara de mulher. Madeira colorida e pirogravada. *Quiocos*, Lunda, Angola.
- 21 — Máscara de madeira, colorida de vermelho. *Chinjis*, Lunda, Angola.
- 22 — Máscara de mulher, em madeira, colorida de vermelho. *Luenas*, Alto Zambeze, Angola.



1 — *Dogon* — Sudão Francês



2 — *Bambaras* — Sudão Francês



3 — *Dans* — Costa do Marfim



4 — Costa do Marfim



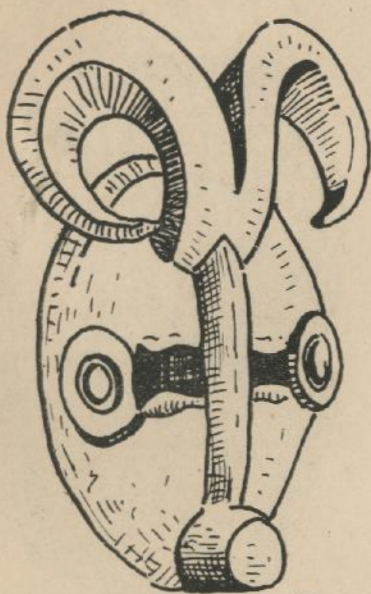
5 — *Gueres* — Costa do Marfim



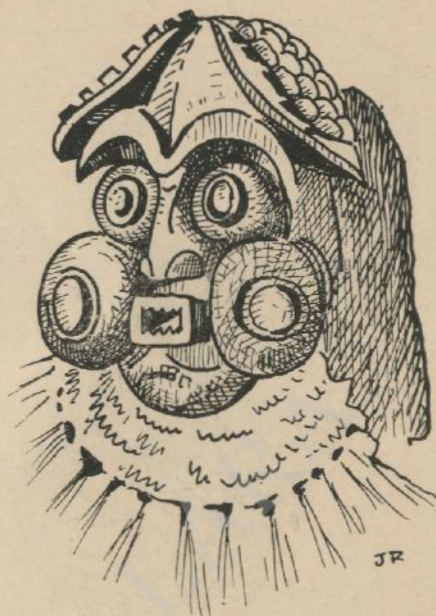
6 — *Dans* — Costa do Marfim



7 — *Geledes* — Loruba



8 — *Ecois* — Nigéria



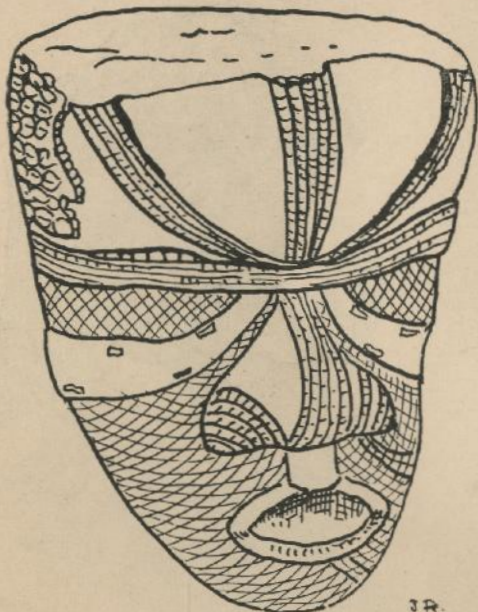
9 — *Bamuns* — Camarões



10 — *Pungues* — Gabão



11 — *Epas* — Oeste Africano



JR.

12—*Buchongos (Bacubas)*—Congo Belga



JR.

13—*Buchongos*—Congo Belga



JR.

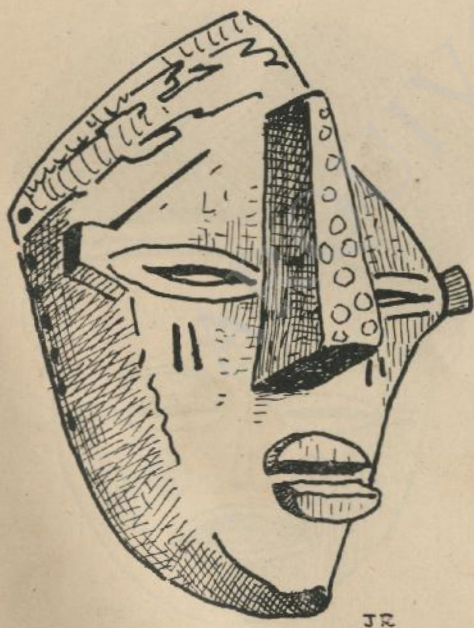
14—*Baboas*—Congo Belga



15 — *Maiacas* — Rio Cuango



16 — *Bapendes* — Congo Belga



17 — *Cacongos* — Rio Cassai



18 — *Lunda* — Angola



19 — Quiocos — Lunda



20 — Quiocos — Lunda



21 — Chinjis — Lunda



22 — Luenas — Alto Zambeze

Paulino Ferreira, Filhos, Lda.
R. Nova da Trindade, 18-B — Lisboa.

ARQUIVO LARA

953
AB-05-Cx12